

v. 52 n. 1 (2025): Ética Conceitual e Engenharia Conceitual

Submetido em: 22 mai 2023
Aceito em: 04 jul 2023Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional
Os direitos autorais da publicação pertencem às
respectivas autoras e/ou autores

TRADUÇÃO

Progresso atencional por meio da engenharia conceitual

*Attentional progress by conceptual engineering*Eve Kitsik¹

Universidade de Colônia

Gabriel Zaccaro (trad.)²

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

A engenharia conceitual como método filosófico merece toda a atenção que vem recebendo recentemente? Alguém poderia dizer que as questões filosóficas importantes são sobre o mundo, não sobre como são ou deveriam ser nossos conceitos. Este artigo apresenta uma maneira pela qual a engenharia conceitual pode contribuir para o progresso filosófico. A suspeita de que a engenharia conceitual está recebendo muita atenção pressupõe que é importante distribuir bem a nossa atenção filosófica (por exemplo, a engenharia conceitual não deve receber mais do que sua parte justa). A defesa que este artigo faz da engenharia conceitual baseia-se nesse pressuposto. Argumenta-se que a engenharia conceitual é uma forma de configurar os padrões de atenção dos filósofos para o melhor: ela serve ao progresso da atenção na filosofia.

Palavras-chave: Conceitos definidores de agenda. construção conceitual. eliminação conceitual. engenharia conceitual. ética da atenção. progresso filosófico.

ABSTRACT

Does conceptual engineering as a philosophical method deserve all the attention it has been receiving recently? One might argue that important philosophical questions are about the world, not about how our concepts are or ought to be. This article presents a way in which conceptual engineering can contribute to philosophical progress. The suspicion that conceptual engineering is receiving too much attention presupposes that it is important to properly distribute our philosophical attention (for example, that conceptual engineering should not receive more than its fair share). The defense of conceptual engineering offered in this article is based on that very presupposition. It is argued that conceptual engineering is a way of sha-

¹ E-mail: ekitsik@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5904-7204>.

² E-mail: zaccaro.reis@acad.ufsm.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0888-2816>.

ping philosophers' patterns of attention for the better: it serves the progress of attention in philosophy.

Keywords: agenda-setting concepts. conceptual construction. conceptual elimination. conceptual engineering. ethics of attention. philosophical progress.

1. INTRODUÇÃO

A engenharia conceitual - avaliar e aprimorar conceitos - é um tema muito discutido atualmente. Muitas conferências, artigos e livros são dedicados a esse tema. Foram feitas propostas para a engenharia dos conceitos de conhecimento (Fassio e McKenna, 2015; Nado, 2021), verdade (Scharp, 2013), gênero e raça (Haslanger, 2000), orientação sexual (Dembroff, 2016) e misoginia (Manne, 2018), para citar apenas alguns. Toda essa atenção à engenharia conceitual é justificada? Alguns têm dúvidas (*e.g.*, Deutsch, 2020a; 2020b; e 2021).³ Uma linha de pensamento subjacente a essas dúvidas é que a introdução de novos termos e a reatribuição de termos antigos apenas possibilitam formas mais convenientes de pensar e falar, mas o importante é o que pensamos e o que dizemos: a filosofia é sobre o mundo, não sobre conceitos. A engenharia conceitual, pode-se dizer, talvez tenha seu lugar na fase preparatória do trabalho filosófico, em que deixamos nossas ferramentas limpas e prontas para o uso, mas não no filosofar ele mesmo, no qual colocamos as ferramentas em uso.⁴

Meu objeto de crítica não é especificamente essa linha de pensamento, mas, de modo mais geral, alguém que não entende por que a engenharia conceitual está recebendo tanta atenção como método filosófico e suspeita que essa atenção seja em grande parte imerecida. Este ensaio oferece uma maneira de entender a importância da engenharia conceitual para a filosofia, embora esta possa não ser a única maneira. Além disso, estou preocupada apenas com a forma como podemos fazer

³ Deutsch destaca a "reengenharia pragmática", ou seja, a mera mudança do significado do termo para os falantes, como indigna de atenção: "[A] engenharia conceitual, concebida como reengenharia pragmática, não merece mais atenção ou alarde, e a quantidade que recebeu até agora me parece absurdamente exagerada" (2021, p. 11). Em outra instância, Deutsch estende essa avaliação à mudança de significados semânticos: "Mudar os significados semânticos também é totalmente ineficaz como método filosófico, sendo inútil para resolver problemas filosóficos" (2020b, p. 13).

⁴ Pode-se ir ainda mais longe, como Deutsch (2020a) parece fazer, e insistir que não há necessidade de limpeza: os conceitos comuns funcionam muito bem ao nos permitir fazer referência às coisas relevantes no mundo. Mas outro conservador conceitual, Austin, sugere que alguma limpeza possa ser necessária: "As palavras são nossas ferramentas e, no mínimo, devemos usar ferramentas limpas" (1956, p. 7).

progresso filosófico avaliando e melhorando os conceitos que os *filósofos* usam, e não com a engenharia dos conceitos usados por não filósofos, como cientistas naturais ou sociais, ou a sociedade em geral.

Minha proposta é especialmente adequada para o alvo que descrevi: alguém que suspeita que a engenharia conceitual está recebendo atenção em demasia. Esse alvo aceita o pressuposto de que é importante distribuir bem a atenção filosófica - por exemplo, a engenharia conceitual não deve receber mais do que sua parte justa. Essa suposição sobre a importância de distribuir bem a atenção é crucial para minha defesa da engenharia conceitual. Argumento que, por meio da engenharia dos conceitos que os filósofos usam, podemos configurar para melhor os padrões predominantes de atenção na filosofia. Além disso, a engenharia conceitual contribui para o progresso filosófico, seja concentrando a atenção dos filósofos em questões mais importantes, seja facilitando o progresso epistêmico com as questões tradicionais, interpretadas de forma mais grosseira.

O ensaio está estruturado da seguinte forma. Na seção 2, esclareço o que quero dizer com "atenção" e "configuração de padrões de atenção". Em seguida, discuto as diferentes maneiras pelas quais podemos engendrar conceitos para configurar os padrões de atenção na filosofia para melhor: por meio da engenharia de termos definidores de agenda (*agenda-setting terms*), como "filosofia" e "metafísica" (seção 3); por meio da construção de conceitos para orientar a atenção para assuntos negligenciados (seção 4); por meio da reatribuição de termos centrais, como "crença" e "conhecimento" (seção 5); e por meio da eliminação de conceitos "enganadores" do discurso filosófico (seção 6). Na seção 7, explico como essa configuração da atenção pode contribuir para o progresso filosófico. Na seção 8, apresento algumas observações finais.

2. CONFIGURANDO A ATENÇÃO PARA MELHOR

Uma descrição da atenção que funciona bem o suficiente para meus propósitos, sem ser crucial para eles, é que prestar atenção a algo é selecioná-lo para a ação, incluindo a ação meramente mental (Allport, 1987; Neumann, 1987; Wu, 2014). As coisas às quais prestamos atenção, nesse sentido, são as partes do mundo

ou de nossa experiência com as quais estamos sintonizados e orientados, que selecionamos para contemplar, elogiar, condenar, tirar conclusões, agarrar, operar, fugir e assim por diante. Em outras palavras, as coisas às quais prestamos atenção são salientes para nós. (Essas coisas podem estar apenas na mente ou serem fenômenos no mundo externo - deixo isso em aberto).

Para falar sobre a configuração de padrões de atenção para melhor, precisamos pensar em tais padrões como bons ou ruins, melhores ou piores, certos ou errados. Como Watzl (no prelo) aponta, em um artigo que delinea a ética da atenção como um campo de investigação, esse campo é amplamente inexplorado, em comparação, por exemplo, com a ética da crença.⁵ Mas nós de fato fazemos julgamentos normativos sobre a atenção. Por exemplo, discutimos sobre qual estátua deve estar na praça central, quem deve ser ensinado como parte do cânone, e se a engenharia conceitual deve receber tanta atenção.

Minha descrição preferida da atenção, como seleção para a ação, sugere uma maneira de delinear uma ética da atenção. Se a atenção é a seleção da ação, então podemos avaliar tanto o objeto selecionado quanto a ação para a qual ele foi selecionado. Assim, perguntamos: as coisas certas são selecionadas para as ações certas? Ou, em outras palavras: Estamos sintonizados com as coisas certas das maneiras certas? As coisas certas são salientes para nós nas condições certas, nas circunstâncias certas?⁶ Mesmo quando simplesmente reclamamos que alguém ou algo recebe muita ou pouca atenção, geralmente temos em mente um determinado tipo de atenção, determinadas ações para as quais o objeto é selecionado (ou não). Por exemplo, quando dizemos que se deve dar mais atenção às mulheres em reuniões profissionais, temos em mente uma atenção que envolve levar a sério suas ideias e não, por exemplo, ridicularizá-las ou sexualizá-las.

Este ensaio trata da melhoria dos *padrões* de atenção, não de casos isolados de seleção (in)adequada para a ação. Por exemplo, quando reclamamos do lapso de atenção negligente de um motorista que resultou em um acidente, essa crítica diz respeito a um caso de atenção inadequada. O motorista falhou momentaneamente em selecionar o tráfego ao redor para observar e reagir. Mas também podemos nos

⁵ No entanto, isso está mudando: há vários projetos de pesquisa em andamento sobre a ética (normas, ideais, etc.) da atenção.

⁶ Embora Watzl (no prelo) não enquadre a atenção em termos de seleção para a ação, ele faz uma distinção semelhante entre normas de atenção "baseadas no modo" e "baseadas no conteúdo". E Gardiner (no prelo) escreve de forma semelhante sobre estar sintonizado às coisas certas das maneiras certas.

queixar de *padrões* de atenção, por exemplo, o padrão de um motorista de não prestar a devida atenção ao trânsito. Além disso, podemos distinguir entre padrões de atenção individuais e coletivos. Por exemplo, podemos nos queixar de que um indivíduo se preocupa indevidamente com a aparência de outras pessoas ou que pensa muito ou pouco sobre dieta e saúde; e podemos fazer queixas semelhantes sobre os padrões coletivos de atenção nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Os padrões coletivos problemáticos de atenção, conforme Gardiner (no prelo), nem sempre podem ser reduzidos aos padrões problemáticos de atenção dos indivíduos. Usando o exemplo de Gardiner, suponha que a doença cardíaca de padrão feminino seja pouco pesquisada em comparação com a doença cardíaca de padrão masculino. Isso não é um problema com os padrões de atenção dos pesquisadores individuais: não há nada de errado em um indivíduo se concentrar exclusivamente na doença cardíaca de padrão masculino para estudá-la em profundidade. O problema só surge em nível coletivo, devido à falta de pesquisadores que se concentrem em doenças cardíacas de padrão feminino.

Assim, estou preocupada com os padrões coletivos de atenção dos filósofos: como podemos configurar esses padrões para melhor por meio da engenharia dos conceitos que os filósofos usam. Portanto, estou preocupado em moldar quais fenômenos, questões ou áreas de pesquisa inteiras os filósofos tendem a selecionar para a ação filosófica, para pensar e discutir, para levantar questões e para formar hipóteses em resposta a questões existentes. Quando reclamamos que os filósofos estão pensando e falando demais sobre, por exemplo, engenharia conceitual, conhecimento e fundamentação, ou que não estão pensando e falando o suficiente sobre, por exemplo, guerras e educação, estamos reclamando dos padrões coletivos de atenção na filosofia. O objetivo de tais reclamações não é que nenhum filósofo deva se concentrar exclusivamente no conhecimento, ou que todos os filósofos devam trabalhar pelo menos um pouco sobre guerras. O problema, se é que existe um, surge em nível coletivo.

Como podemos configurar esses padrões coletivos de atenção? Dois tipos de fatores podem ser moldados: a configuração "interna" e a "externa". Watzl, que também menciona a engenharia da atenção, concentra-se em fatores externos: "Nosso mundo é engenheirado atencionalmente.... Canais para a atenção estão gravados no tecido de nossas casas, nas notícias que assistimos, nas mídias sociais que

consumimos e nas paisagens urbanas ao nosso redor" (2017, p. 1). Se os canais problemáticos de atenção estão gravados em nosso ambiente, então podemos moldar o ambiente para moldar os padrões de atenção para melhor. Gardiner (no prelo) também se concentra nas maneiras pelas quais podemos modificar o ambiente para provocar a mudança desejada nos padrões de atenção. Por exemplo, para chamar a atenção de outros cientistas para a doença cardíaca de padrão feminino, as pessoas poderiam levantar questões sobre o assunto em conferências ou incluí-lo em programas de estudo, e as instituições poderiam oferecer oportunidades de financiamento e prêmios ou organizar conferências sobre o assunto. Tudo isso tem a ver com a mudança do ambiente em que os sujeitos-alvo (aqueles que devem se dedicar à questão negligenciada da doença cardíaca de padrão feminino) se encontram.

Sugiro que a engenharia conceitual também pode ser uma forma de moldar os padrões de atenção - moldando-os a partir do "interior" em vez de moldar o ambiente. Para tornar vívida a distinção entre os aspectos internos e externos da configuração da atenção, considere o seguinte exemplo. As salas de conferência são montadas de modo que as cadeiras fiquem de frente para o palestrante, que é bem visível e audível: a configuração externa facilita a seleção do palestrante para ouvi-lo. Mas talvez alguns membros da plateia não estejam interessados no tópico ou tenham preconceitos relacionados à idade ou ao gênero do palestrante. Nesse caso, sua configuração interna não favorece a atenção ao palestrante. Estátuas em praças centrais, oportunidades de financiamento e publicação para determinados tópicos e notícias de primeira página ou no horário nobre são partes de uma configuração externa que facilita a atenção a determinadas coisas em vez de outras. E os conceitos, aos quais me refiro agora, são partes da configuração interna. Nossas mentes, assim como nosso ambiente, moldam aquilo a que prestamos atenção; e podemos moldar nossas mentes, assim como nosso ambiente, para configurar a atenção para melhor.

Uma qualificação é imediatamente necessária: a distinção entre a engenharia do ambiente e a engenharia das mentes (incluindo os conceitos nas mentes) é grosseira. Afinal, não vamos perfurar cérebros. Presumivelmente, a engenharia conceitual também envolverá uma interação com o ambiente (por exemplo, com a forma como as pessoas que encontramos tendem a usar as palavras). Mas eu coloco os conceitos em mentes individuais: eles não estão flutuando no mundo externo. Is-

so pode fazer com que se pense que o internalismo semântico está pressuposto aqui. Mas não é: não precisamos identificar os "conceitos" relevantes (aqueles que os engenheiros conceituais avaliam e melhoram) com significados semânticos, como faz, por exemplo, Cappelen (2018). Em vez disso, podemos considerar os conceitos relevantes como sendo os significados que os falantes associam às suas palavras, ou seja, os significados do falante (Pinder, 2021). Ou podemos interpretar os conceitos como corpos de informações associados a um rótulo e recuperados por padrão na categorização e em outros julgamentos (Machery, 2017; Isaac, 2020). Esses corpos de informação podem incluir protótipos, exemplares e estruturas semelhantes a teorias. Tanto os corpos de informações que utilizamos automaticamente quanto as definições que endossamos conscientemente desempenham um papel na configuração interna dos padrões de atenção.

3. ENGENHEIRANDO CONCEITOS DEFINIDORES DE AGENDA

Como podemos mudar os padrões de atenção dos filósofos por meio da engenharia desses conceitos internos? Em um nível muito geral, podemos engenheirar o que chamo de "conceitos definidores de agenda", como os conceitos de filosofia, metafísica e epistemologia. Esses conceitos definem a agenda no sentido de que delineiam o que os filósofos devem fazer, como filósofos, seja em geral ou em um subdomínio; e esses conceitos também moldam as prioridades dentro da agenda, na medida em que envolvem alguma divisão entre o núcleo e as margens.

Esses conceitos definidores de agenda influenciam o que os filósofos prestam atenção: o que eles selecionam para a ação, o que é saliente para eles como um possível objeto de investigação filosófica (ou metafísica, epistemológica e afins). Isso pode funcionar de várias maneiras. Os filósofos podem - talvez inconscientemente - autorregular sua atividade, alinhando seus tópicos com o que eles consideram adequada ou centralmente filosófica. Mas os conceitos definidores de agenda de um filósofo também podem influenciar o ambiente de configuração da atenção em que outros filósofos se encontram. Por exemplo, os conceitos de definição de agenda de um editor de periódico podem contribuir para que o periódico publique principalmente tópicos "centrais", e outros filósofos passarão a encarar os artigos publicados nesse periódico como parte de sua configuração externa, na qual esses

tópicos são salientes, tornando esse público mais propenso a trabalhar nesses tópicos.

Há preocupações de que esses conceitos definidores de agenda possam ser excludentes ou marginalizantes. Dotson, por exemplo, critica a cultura *gate-keeping* da filosofia que exige que diversas abordagens se legitimem como "filosóficas" com referência a padrões e expectativas dominantes. Ela sugere que até mesmo a visão aparentemente permissiva de Priest sobre a filosofia, como "investigação intelectual na qual *tudo* está aberto ao desafio e ao escrutínio crítico" (Priest, 2006, p. 202), pode se tornar constritiva dentro dessa cultura (Dotson, 2012, p. 26). Independentemente do que se pensa da definição de Priest, um conceito restrito de filosofia, quando amplamente aceito, pode certamente dificultar que filósofos não-conformistas divulguem seu trabalho e que o tenham levado a sério, ou até mesmo que iniciem esse trabalho, para começo de conversa.⁷ Além das visões excludentes da filosofia, uma distinção problemática "núcleo/periferia" tem sido criticada. Por exemplo, Kitcher (2011) argumenta que nossa "imagem" da filosofia, que apresenta a filosofia abstrata e teórica como o "núcleo", está errada: a filosofia aplicada que se envolve com os desafios da época deveria ter esse status central.⁸ Brake também não se contenta com a atual divisão núcleo/periferia, mas, em vez de revertê-la, prefere dissolver qualquer divisão avaliativa desse tipo: "[N]enhum tópico deveria estar fora da mesa *a priori* como não filosófico ou marginal; a distinção avaliativa entre margem e centro na filosofia deveria ser abandonada por completo" (2017, p. 35).

Preocupações semelhantes foram levantadas sobre "metafísica" e "epistemologia". Barnes (2014) argumenta que alguns relatos sobre o que é metafísica excluem a metafísica feminista de gênero ao dar muita ênfase à fundamentalidade, enquanto o gênero é um fenômeno não fundamental. A preocupação parece ser que a metafísica de gênero pode não receber a atenção que merece quando lhe é negado um lugar dentro de um campo estabelecido e central da filosofia, como a metafísica.⁹ Além disso, Rooney se queixa da marginalização da epistemologia feminista,

⁷ Solomon também levantou a preocupação com o conceito excludente de filosofia: "Nosso exame crítico hoje deve se voltar para a própria palavra 'filosofia', juntamente com sua história, para perceber que o que antes era um conceito libertador hoje se tornou um conceito restrito, opressivo e etnocêntrico" (2001, p. 101).

⁸ Deve-se observar que a filosofia aplicada se tornou muito mais popular e respeitada na última década.

⁹ Uma leitura alternativa é a de que a metafísica feminista é simplesmente metafísica (e uma parte particularmente valiosa dela) e, portanto, as definições criticadas de metafísica estão equivocadas

a "suposição de que a epistemologia feminista não é epistemologia 'propriamente dita'" (2011, p. 3). Aqui também essa suposição aparentemente tem a ver com o modo como representamos implicitamente o núcleo e as margens da epistemologia.

Como algumas dessas críticas aos conceitos definidores de agenda são sobre como este ou aquele filósofo definiu, digamos, "filosofia" ou "metafísica", vale a pena enfatizar que os conceitos definidores de agenda de interesse geralmente não são definições conscientemente endossadas e aplicadas. Para ilustrar isso, considere a lembrança de Jenkins de como um colega estudante, em um evento social no início de seus estudos de pós-graduação, comentou sobre seu campo de pesquisa, a metafísica do gênero: "Isso não é filosofia". Jenkins reflete: "Pareceu-me que a reação dele decorreu, em parte, de uma genuína perplexidade: meu projeto realmente não era reconhecível para ele como um empreendimento filosófico" (2014, p. 262). O colega não apelou para uma definição de filosofia que o projeto de Jenkins não conseguiu satisfazer. Talvez ele tivesse em mente um filósofo prototípico ou um projeto filosófico, ou uma coleção de exemplos, alguns mais centrais do que outros, e a metafísica de gênero não parecia se encaixar nisso. Independentemente do que se passava exatamente na cabeça desse jovem, é plausível que seja assim que os conceitos definidores de agenda geralmente funcionam: não por meio de pessoas que endossam e reforçam definições explícitas, mas por meio de pessoas que se baseiam em corpos de informação implícitos.

Assim como o racismo não se origina das injúrias raciais, as inclinações e tendências filosóficas não se originam dos conceitos que definem a agenda. Mas as injúrias raciais de fato desempenham um papel na perpetuação do racismo, e a luta contra o racismo não pode ignorar isso. Da mesma forma, os conceitos definidores de agenda desempenham um papel na perpetuação das tendências e dos rumos da filosofia. Dessa forma, esses conceitos são pontos de intervenção em potencial quando as tendências e rumos são problemáticos ou não são ideais.

Portanto, uma maneira de configurar os padrões de atenção na filosofia é avaliar e melhorar nossos conceitos definidores de agenda. Não é óbvio como mudar esses conceitos, nem mesmo como estabelecer como eles são atualmente e em

quanto à extensão. Mas essa leitura perde um aspecto importante da preocupação: não classificar a metafísica feminista como metafísica é, de alguma forma, ruim para a metafísica feminista, de um modo que vai além da classificação errônea. Deve-se mencionar também que Sider (2017) e Schaffer (2017) responderam às críticas, defendendo suas respectivas narrativas.

que aspectos precisam ser melhorados. Mas, com essas questões, o campo da engenharia conceitual, em rápido desenvolvimento, pode, espera-se, ajudar.

4. CONSTRUINDO CONCEITOS

Há também maneiras mais micro de configurar a atenção filosófica por meio da engenhariação de conceitos. Uma delas é a introdução de novos termos que ainda não têm usos importantes na filosofia, a fim de chamar a atenção para algo digno de atenção. Chalmers oferece exemplos de inovações conceituais frutíferas na filosofia, incluindo superveniência, fundamentação, a intensão carnapiana, o sentido fregeano, a implicatura de Grice, o designador rígido de Kripke, o “alief” de Gendler e injustiça epistêmica de Fricker e suas variedades (2020, p. 4-6). Também podemos construir novos conceitos de definição de agenda de nível inferior, para orientar a atenção para conjuntos menos determinados de questões e fenômenos; exemplos incluem os conceitos de epistemologia política, epistemologia social e ontologia social.

A ideia não é que, sem os termos introduzidos, não seríamos capazes de falar ou pensar sobre os fenômenos relevantes. Afinal, quando um termo é introduzido, é preciso defini-lo ou indicar o que ele significa ou como deve ser usado, no contexto. Portanto, em princípio, poderíamos usar essas definições ou indicações sempre. Com base nisso, Deutsch sustenta que a introdução estipulativa é, em geral, uma questão de “conveniência sintática” e não é digna de atenção como um método filosófico: “A introdução estipulativa não revelará se temos livre-arbítrio, se todas as mulheres são subordinadas ou se o conhecimento é uma crença verdadeira justificada. De fato, parece que a maior parte de seu valor deriva da conveniência sintática: por meio da introdução estipulativa, podemos substituir descrições mais longas (‘cadeira de mesa com cinco pernas’) por um termo mais curto e único (‘brollop’)” (2020a, p. 3945).

É claro que, às vezes, apenas introduzimos termos técnicos para evitar escrever uma descrição extensa todas as vezes. Isso facilita a vida do escritor e dos leitores, sem reconfigurar os padrões de atenção da disciplina. Mas os exemplos acima são mais significativos: novos fenômenos ou questões foram colocados com sucesso na agenda compartilhada dos filósofos.

No entanto, o simples fato de anunciar um nome para algo não o coloca em agendas compartilhadas. A parte engenhosa dessa reconfiguração da atenção é identificar fenômenos significativos negligenciados e convencer os outros de sua importância. Pode-se pensar que talvez a parte engenhosa não seja a engenharia conceitual. No entanto, se pensarmos em engenharia conceitual como a melhoria da configuração atencional da filosofia, então identificar fenômenos significativos negligenciados e convencer os outros de sua importância é certamente uma parte desse trabalho. A escolha de um bom rótulo, como "superveniência" ou "fundamentação", também faz parte do trabalho. Mas seria dúbio, para alguém que argumenta contra a importância da engenharia conceitual, insistir que apenas a relativamente insignificante fase de rotulagem conta como "engenharia conceitual" e que a parte engenhosa de identificar os fenômenos significativos e convencer os outros de sua importância não conta.

5. REATRIBUINDO TERMOS CENTRAIS

Talvez de forma mais controversa e interessante, também podemos configurar a atenção para o melhor por meio da engenharia de termos que já têm usos importantes na filosofia e em outros lugares. A reengenharia de conceitos definidores de agenda, discutida acima, é uma variedade disso; mas aqui estou preocupada com conceitos "menores" que denotam fenômenos específicos, em vez de áreas de pesquisa.

Um exemplo é o argumento de Schwitzgebel a favor de um conceito pragmático de crença. Ele faz uma distinção entre o conceito intelectualista, de acordo com o qual a crença consiste em endossar intelectualmente uma proposição, e seu conceito pragmático preferido, que requer adicionalmente uma ampla gama de disposições comportamentais e fenomênicas relevantes. O principal exemplo de Schwitzgebel é o seguinte (2021, p. 354-55). Daniel (um personagem fictício apresentado por Schwitzgebel) endossa intelectualmente a visão de que os trabalhadores com salários baixos merecem tanto respeito quanto as pessoas bem remuneradas. No entanto, Daniel acha rude quando um cliente mal vestido interrompe a conversa de um homem bem vestido com um funcionário de uma loja; e ele tem uma sensação passageira de que algo está errado quando vê um trabalha-

dor migrante em um bom assento de avião com espaço extra para as pernas, enquanto um sujeito de aparência rica está apertado em um assento do meio. E assim por diante: As reações e o comportamento fenomenais de Daniel nem sempre se encaixam no que ele endossa consciente e intelectualmente. Ele tem a crença "intelectualista", mas não tem a crença "pragmática". Schwitzgebel argumenta que o conceito pragmático exigente, que requer toda a gama de disposições relevantes, "direciona nossa atenção para o que mais nos interessa ao pensar sobre crença: nossas formas gerais de agir e reagir ao mundo" (p. 351).

Se quiséssemos falar sobre os dois tipos de "crença" de forma conveniente e clara, poderíamos introduzir termos como "crença intelectualista" e "crença pragmática". Mas Schwitzgebel é contra esse tratamento igualitário. Ele argumenta que a crença pragmática deve receber a atenção que vem com o termo "crença": "Os termos centrais devem acompanhar assuntos de importância central. Em geral, atribuir termos centrais a fenômenos de importância secundária corre o risco de desviar a atenção disciplinar, de sinalizar para pessoas de fora e novos participantes que o fenômeno secundário é mais importante do que é e de não tornar os padrões importantes tão salientes quanto deveriam ser" (2021, p. 359).

O que torna a crença pragmática mais digna de atenção do que a mera crença intelectualista? Schwitzgebel enfatiza que é importante acertar toda a gama de disposições e alinhar o modo como nos comportamos e reagimos com o que endossamos intelectualmente. Considerando que os filósofos discutem com tanta frequência como acertar nossas "crenças", no que devemos "acreditar" e porquê, faz sentido que a "crença" represente a coisa mais importante na vizinhança que devemos alcançar. Schwitzgebel permite que os filósofos também discutam as crenças puramente intelectualistas e como acertá-las, mas como essa é uma questão menos importante, não deve receber a amplificação que vem com o termo arraigado "crença". Em vez disso, ele recomenda o uso do termo "julgamento" para o mero endosso intelectual (2021, p. 359).

Embora o argumento do merecimento da atenção não seja geralmente apresentado de forma tão explícita, podemos encontrar mais exemplos na literatura sobre engenharia conceitual. Por exemplo, Clark e Chalmers (1998) propuseram que o termo "crença" deveria abranger informações armazenadas externamente e de fácil acesso, bem como as crenças armazenadas na cabeça. Da mesma forma que

Schwitzgebel (embora sem usar a palavra "atenção"), Chalmers justificou o uso do termo "crença" para a categoria mais ampla com a centralidade do termo: "Na prática, a palavra 'crença' desempenha um papel central tanto na explicação social quanto na científica. Portanto, associar a palavra 'crença' a crença eletrônica (*e-belief*) ajuda a criar uma mentalidade em que a crença eletrônica pode realmente desempenhar esses papéis" (2020, p. 8). De passagem, Chalmers fez uma sugestão semelhante sobre "significado": "Na filosofia, o 'significado' funciona como uma espécie de honorífico (atrai as pessoas para seu estudo), portanto, se alguém pensa que o significado¹ é mais importante do que o significado², pode-se sustentar que o 'significado' deve ser usado para o significado¹" (2011, p. 542).

Além disso, a proposta de Haslanger sobre os termos de gênero e a proposta de Manne sobre "misoginia" podem ser entendidas nesse sentido. Haslanger escreve sobre suas definições contraintuitivas: "Nem o uso comum nem a investigação empírica prevalecem, pois há um elemento estipulativo no projeto: *este* é o fenômeno sobre o qual precisamos pensar" (2000, p. 34). Em outras palavras, as categorias que ela aponta devem receber a atenção dos filósofos. Manne define "misoginia", em contraste com a associação usual da palavra com o ódio de um indivíduo pelas mulheres, como "principalmente uma propriedade de sistemas ou ambientes sociais como um todo" (2018, p. 33). Embora isso não esteja explícito em Haslanger ou Manne, ambos podem ser vistos como insistindo em usar as palavras antigas porque a familiaridade e a centralidade dessas palavras facilitam a atenção aos fenômenos nas proximidades que mais precisam de atenção, considerando nossos interesses e propósitos relevantes.

Esses exemplos sugerem uma estratégia geral: em vez de nos envolvermos em longos debates relacionados a termos comuns e apelarmos para (o que pelo menos parece ser) intuições linguísticas, poderíamos redirecionar pelo menos alguns desses esforços para identificar os fenômenos mais dignos de atenção nas proximidades.¹⁰ Isso não quer dizer que todo o interesse em conceitos comuns (e os métodos de análise conceitual que servem a esse interesse) esteja fora de lugar. Mas pode muito bem haver assuntos mais dignos da atenção dos filósofos, e não é de se

¹⁰ Pensar sobre a reengenharia conceitual dessa forma escapa do desafio da "mudança de assunto" Strawsoniano (Strawson, 1963): o *objetivo* da reengenharia conceitual, nessa visão, é redirecionar a atenção dos filósofos para o assunto mais interessante para os filósofos nas proximidades do termo comum. Para uma resposta semelhante ao desafio da mudança de assunto, consulte Knoll (2020), que argumenta que não há problema em os engenheiros conceituais mudarem o tópico, pois mudar os tópicos para melhor pode, de fato, ser visto como o objetivo da engenharia conceitual.

admirar que a impaciência esteja crescendo com o "olhar-para-o-umbigo", para usar o termo de Eklund (2017, p. 192). Até certo ponto, o paroquialismo é neutralizado por estudos interculturais e interlinguísticos de, por exemplo, conceitos epistêmicos (Mizumoto; Stich; McCready, 2018; Mizumoto; Ganery; Goddard, 2020). Mas isso ainda oferece apenas um playground limitado. Por que não pensar em possíveis conceitos nas proximidades dos conceitos em inglês, independentemente de eles prevalecerem em qualquer cultura real? Será que a reatribuição dos termos comuns a esses conceitos alternativos, dentro da filosofia, pode nos ajudar a atender a fenômenos mais dignos de atenção?¹¹ Essas considerações são especialmente prementes para os termos *centrais* da filosofia, como "crença", dado seu poder de atrair a atenção.

Mas também há armadilhas na generalização dessa estratégia, e elas devem ser levadas em conta. Considere o "conhecimento". Nosso conceito definidor de agenda "filosofia" estabelece a epistemologia como um subcampo central, e o conceito definidor de agenda "epistemologia", por sua vez, estabelece o conhecimento como o principal item de sua agenda. Em geral, acredita-se que a epistemologia gira em torno do conhecimento: o que é o conhecimento, como o obtemos, como o transmitimos, se o temos ou não, e assim por diante. Suponhamos, no entanto, que haja um estado mais valioso nas proximidades que seja mais digno da atenção dos filósofos.

Não se trata de especulação desmedida, uma vez que o "conhecimento", como é entendido na filosofia, inclui alguns estados bastante mundanos, como o estado em que nos encontramos quando sabemos quantas moedas o homem que vai conseguir o emprego tem no bolso. Vamos chamar o estado mais valioso de "o estado maravilhoso". Talvez seja o conhecimento sobre assuntos objetivamente importantes, ou o conhecimento sistemático, ou ambos; talvez não seja nenhum tipo de conhecimento, mas algo completamente diferente. Atualmente, acredita-se que o "conhecimento" seja o principal objetivo da epistemologia. Para dar esse lugar ao estado maravilhoso, deveríamos então concordar, entre os filósofos, em chamar o estado maravilhoso de "conhecimento"?

Mesmo que isso possa funcionar em princípio, é provável que surjam problemas na prática. Primeiro, vamos examinar algumas questões de implementação.

¹¹ Grundmann escreve, nesse espírito, que mesmo que não haja variação cultural nos termos epistêmicos, a preocupação permanece "que esses termos podem não se referir ao que é epistemicamente mais relevante e valioso" (2020, p. 230).

Mesmo supondo que os filósofos estejam dispostos a seguir esse programa de configuração da atenção, as associações atuais com o termo "conhecimento" podem atrapalhar, especialmente porque os filósofos precisarão continuar usando o termo da maneira antiga fora da filosofia. Os filósofos também podem precisar de outro termo para falar sobre o (bom e velho mundano) conhecimento, na medida em que ele merece *alguma* atenção, embora não toda a atenção que está recebendo atualmente. Ter os dois fenômenos em cena - o que costumávamos chamar de "conhecimento" e agora chamamos de outra coisa, e o que agora chamamos de "conhecimento" - tornará as coisas ainda mais confusas. Além disso, apesar desses obstáculos psicológicos para os participantes motivados, parece ingênuo esperar que a maioria dos filósofos sequer tente seguir o programa; a não conformidade generalizada parece ser um resultado mais realista.

Em segundo lugar, além dos problemas de implementação dentro da filosofia, a mudança criaria barreiras de comunicação com pessoas de fora que usam o termo da maneira antiga, reforçando a impressão de que a filosofia é algo esotérico e não especialmente sensível. Considerando todos os aspectos, talvez seja melhor continuar usando "conhecimento" da forma antiga, ou razoavelmente próxima da forma antiga. Talvez isso signifique que devemos restringir as reatribuições filosóficas aos candidatos mais dignos de atenção na vizinhança *imediate*, possivelmente as vertentes já presentes no uso comum. Até certo ponto, essa configuração de atenção já aconteceu com "conhecimento". Os filósofos geralmente presumem que o conhecimento é factivo: se você sabe que p , então p é verdadeiro. Mas "saber" às vezes é usado de forma não factual no discurso comum, por exemplo: "Todos sabiam que o estresse causava úlceras, antes que dois médicos australianos, no início dos anos 80, provassem que as úlceras são, na verdade, causadas por infecção bacteriana" (Hazlett, 2010, p. 501). Em geral, os filósofos não se incomodam com isso, pois sabem que podem negligenciar aspectos do uso comum para se concentrar em algo que vale a pena.

Assim, reatribuir o "conhecimento" ao estado maravilhoso provavelmente seria ir longe demais. Mas outras estratégias de engenharia conceitual podem ajudar na configuração da atenção em tais casos. Por exemplo, em vez de engenheirar o "conhecimento", poderíamos engenheirar o conceito definidor de agenda "epistemologia", de modo que ele estabelecesse o estado maravilhoso como o principal

item de sua agenda. Também poderíamos dar ao estado maravilhoso um nome melhor - supondo que não haja um nome perfeitamente adequado, como "entendimento" ou "sabedoria", já disponível na linguagem comum. (Esse é um quadro simplificado: provavelmente há muitos "estados maravilhosos", e talvez também estados terríveis, que são bons candidatos a receber parte da atenção que o conhecimento está recebendo atualmente. Portanto, há mais trabalho a ser feito aqui do que apenas descrever e nomear um único estado e estabelecê-lo como o central na epistemologia).

6 ELIMINANDO ENGANAÇÕES

A eliminação de conceitos também pode ser vista como uma forma de configurar a atenção. Considere o "método de eliminação" de Chalmers (2011): pedir aos participantes de disputas potencialmente verbais que reafirmem sua discordância sem determinados termos. A resolução ou o esclarecimento de disputas por meio desse método direciona a atenção dos disputantes para assuntos mais importantes. Por exemplo, quando banimos a palavra "sozinho" de uma disputa sobre se Lee Harvey Oswald agiu sozinho, a disputa pode ser facilmente reafirmada e esclarecida como uma disputa sobre se alguém ajudou Oswald; mas quando banimos "planeta" de uma disputa sobre se "Plutão é um planeta", é difícil encontrar o desacordo restante; portanto, a disputa é provavelmente verbal: ou seja, apenas sobre o significado de "planeta" (Chalmers, 2011, p. 527). O diagnóstico de verbalidade sugere que devemos encerrar a disputa e concentrar nossos esforços em outra coisa completamente diferente.

Em geral, não se pensa que a engenharia conceitual seja a mudança na forma como as pessoas usam os termos em contextos muito locais, como uma única disputa entre determinados participantes. Dessa forma, talvez não queiramos pensar nas intervenções de proibição de termos descritas acima como instâncias de engenharia conceitual. Em vez disso, considere propostas para que os filósofos parem de usar determinados termos (por exemplo, "epistêmico" e "intuição"), pois isso deixaria mais claro sobre o que eles discordam, se é que discordam, e redirecionaria a atenção para o cerne das discordâncias ou para outras questões importantes (se não houver discordância genuína em relação às disputas originais). Por exemplo,

Hazlett sugere que o termo "epistêmico" deveria receber esse tratamento: "Pegue qualquer ensaio filosófico contemporâneo e considere cada uso de 'epistêmico'. Eu afirmo que cada um deles ou é supérfluo - e nesse caso deve ser eliminado - ou substituído por um jargão alternativo - e nesse caso deve ser substituído" (2016, p. 547). (Veja também Cohen 2016 para críticas relacionadas ao termo "epistêmico").

Talvez alguns conceitos em filosofia, então, sejam enganadores: eles levam apenas a disputas verbais inúteis, distraindo os filósofos de abordar as questões dignas de atenção (subjacentes ou mais distantes). Eliminar os conceitos enganadores do discurso filosófico seria, então, uma maneira de configurar melhor os padrões de atenção dos filósofos.

7. APRIMORAMENTO ATENCIONAL COMO PROGRESSO

Vimos como algumas variedades de engenharia conceitual (reengenharia dos conceitos que definem a agenda e dos conceitos centrais da filosofia, construindo e eliminando conceitos) podem contribuir para configurar a atenção filosófica para melhor. Em outras palavras, esses métodos ajudam os filósofos a prestar atenção a questões que merecem atenção, a selecionar os objetos certos para a ação filosófica. Contudo, como é esse progresso? Podemos pensar nisso de duas maneiras. Primeiro, concentrar a atenção dos filósofos em questões mais importantes contribui para a verdade, o conhecimento e a compreensão *de assuntos mais importantes* - uma dimensão distinta do progresso. Em segundo lugar, pode-se dizer também que a configuração da atenção pela engenharia conceitual contribui para o progresso epistêmico com as questões gerais que os filósofos têm abordado o tempo todo. Vamos analisar cada uma dessas opções.

A recente discussão sobre o progresso filosófico gira em torno do fato de a filosofia ter feito e poder esperar um progresso significativo, especialmente em comparação com as ciências "duras".¹² Uma visão comum nessa discussão é que o progresso filosófico é principalmente uma questão de obter a verdade, o conhecimento e/ou a compreensão das questões filosóficas (suas respostas ou assuntos).¹³

¹² E.g., Chalmers 2015, Cappelen 2017, Stoljar 2017, Blackford e Broderick 2017, Hermann et al. 2020, Ross 2021, Dellsén, Lawler, e Norton 2021.

¹³ Por exemplo, Stoljar (2017, p. 21) e Gutting (2009) focam no conhecimento como o objetivo. Chalmers enquadra sua referência para o progresso em termos de verdade (convergência coletiva para a verdade sobre as grandes questões); mas ele também sugere que a discordância generalizada

Às vezes, a questão é ainda mais restrita ao progresso com as "grandes" questões, como a relação mente-corpo ou nosso conhecimento do mundo externo (Chalmers, 2015, p. 5). Se a obtenção da verdade, do conhecimento e/ou da compreensão sobre (as respostas ou os temas das) questões filosóficas é de fato uma dimensão do progresso filosófico, então outra dimensão parece dizer respeito à importância e à relevância dessas questões. Essa outra dimensão nem sempre é suficientemente reconhecida na discussão sobre o progresso filosófico.¹⁴ Mas ela precisa ser reconhecida: o progresso epistêmico em questões insignificantes não vale muito; e quanto mais digno de atenção for o assunto, mais valiosos serão a verdade, o conhecimento e a compreensão.

Embora a verdade, o conhecimento ou a compreensão de assuntos insignificantes não valham muito, o progresso da atenção por si só também não vale muito. Por exemplo, suponha que a atenção dos filósofos tenha se deslocado das normas da crença intelectualista para um tópico mais interessante, as normas da crença pragmática; e que eles tenham sido irremediavelmente ineptos na investigação da primeira questão e sejam igualmente ineptos na investigação da segunda. É duvidoso que tenha havido um progresso significativo apenas pelo fato de os filósofos terem se dedicado ao assunto mais interessante. Talvez os filósofos ganhassem em termos da virtude cognitiva da sintonia adequada. Mas faz sentido pensar que os filósofos servem à comunidade de pesquisa mais ampla ou à sociedade como um todo: fornecendo verdades, conhecimento ou compreensão a outros, em vez de adquirir bens epistêmicos ou outros bens para si mesmos. E, a partir dessa perspectiva, o mero progresso atencional é como o progresso feito por alguém que nunca cumpre suas promessas, mas que sempre faz promessas cada vez melhores e mais valiosas - apenas estabelecendo e frustrando expectativas maiores. O valor do progresso atencional por meio da engenharia conceitual está, portanto, condicionado à capacidade dos filósofos de garantir outras formas de progresso, ou seja, obter a

é preocupante porque mostra que os filósofos não estão adquirindo conhecimento, seja individual ou coletivamente (2015, p. 14-16). Para discussões sobre a compreensão como objetivo, consulte Hacker 2009, Graham 2017, Bengson, Cuneo e Shafer-Landau 2019, Dellsén, Lawler e Norton 2021 e o manuscrito de Hannon e Nguyen.

¹⁴ Mas Brake, por exemplo, sugere que também devemos reconhecer algo como o progresso da atenção: "Devemos rejeitar o peso que é dado a um conjunto restrito de questões historicamente definidas ao medir o progresso filosófico e considerar a extensão e a aplicação da filosofia em diferentes áreas como uma forma de progresso" (2017, p. 35). Da mesma forma, Ross escreve: "Perguntar-se sobre uma questão nova e importante é uma forma distinta de progresso em seu próprio direito" (2021, p. 750).

verdade, o conhecimento ou a compreensão. Não vou discutir aqui se essa condição é satisfeita (mas não vejo razão para ser particularmente cético).¹⁵

Em vez disso, discuto brevemente outra maneira pela qual podemos pensar no progresso atencional por meio da engenharia conceitual: não é por meio da mudança do foco coletivo dos filósofos para questões mais importantes, mas ajudando-os a abordar as mesmas questões antigas. Para explicar: há um sentido no qual o foco nas normas da crença pragmática, em vez das normas da crença intelectualista, por exemplo, muda o tópico da discussão. Mas há também um tópico mais amplo que persiste durante a mudança: Como devemos governar nossas vidas mentais, quais normas se aplicam à representação e à resposta ao mundo? Ou ainda: Como devemos viver? Podemos pensar nas mudanças conceituais, nas introduções conceituais e nas eliminações conceituais como um modo de tornar saliente os fenômenos que são especialmente relevantes para abordar essas questões abrangentes e, dessa forma, contribuir para a obtenção da verdade, do conhecimento e da compreensão de assuntos importantes que sempre deixaram os filósofos sem dormir. Deixo em aberto se devemos considerar o progresso atencional por meio da engenharia conceitual da primeira ou da segunda maneira, e se e como essas abordagens podem ser combinadas; qualquer uma das abordagens é suficiente para fazer jus à alegação de que a engenharia conceitual pode contribuir para o progresso filosófico, configurando padrões de atenção para melhor.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Argumentei que a engenharia conceitual merece atenção como um método que pode contribuir para o progresso filosófico, seja por desviar a atenção dos filósofos para questões mais importantes ou por tornar os fenômenos que são especialmente relevantes para abordar as antigas questões gerais da filosofia devidamente salientes. Se nos preocupamos com o que chama a atenção na filosofia, então devemos nos preocupar com a engenharia conceitual como um método que facilita o progresso nessa frente. Mais especificamente, podemos progredir em termos de atenção avaliando criticamente e melhorando nossos conceitos definidores de agenda, construindo conceitos que chamem a atenção para fenômenos dignos de

¹⁵ Para uma resposta ao ceticismo relacionado à discordância generalizada na filosofia, consulte Cappelen 2017.

atenção, reatribuindo termos centrais aos fenômenos mais dignos de atenção nas proximidades e eliminando conceitos enganosos a fim de redirecionar a atenção para discussões mais valiosas.

Além disso, o reconhecimento de que a engenharia conceitual tem esse papel importante na filosofia - o de moldar para melhor a configuração interna de atenção dos filósofos - de forma alguma ameaça a visão de que a filosofia é, em última análise, sobre o mundo e não sobre conceitos. Pelo contrário, a engenharia conceitual facilita o envolvimento com as partes do mundo que merecem atenção.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao público da conferência on-line "New Directions in Metaphilosophy", na Universidade de Kent, e à reunião do grupo CONCEPT na Universidade de Colônia, bem como a Thomas Grundmann, Mark Pinder e aos pareceristas da *Metaphilosophy* pelos comentários e discussões muito úteis.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, Alan. Selection for Action: Some Behavioural and Neurophysiological Considerations of Attention and Action. In: HEUER, Herbert; SANDERS, Andries F. (Eds.). *Perspectives on Perception and Action*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1987. p. 395-419.

AUSTIN, J. L. A Plea for Excuses. *Proceedings of the Aristotelian Society*, new series, v. 57, p. 1-30, 1956.

BARNES, Elizabeth. Going Beyond the Fundamental: Feminism in Contemporary Metaphysics. *Proceedings of the Aristotelian Society*, v. 114, n. 3, p. 335-351, 2014.

BENGSON, John; CUNEO, Terence; SHAFER-LANDAU, Russ. Method in the Service of Progress. *Analytic Philosophy*, v. 60, n. 3, p. 179-205, 2019.

BLACKFORD, Russell; BRODERICK, Damien (Eds.). *Philosophy's Future: The Problem of Philosophical Progress*. Hoboken, N.J.: Wiley Blackwell, 2017.

BRAKE, Elizabeth. Making Philosophical Progress: The Big Questions, Applied Philosophy, and the Profession. *Social Philosophy and Policy*, v. 34, n. 2, p. 23-45, 2017.

CAPPELEN, Herman. Disagreement in Philosophy: An Optimistic Perspective. In: D'ORO, Giuseppina; OVERGAARD, Søren (Eds.). *The Cambridge Companion to Philosophical Methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 56-74.

CAPPELEN, Herman. *Fixing Language: An Essay on Conceptual Engineering*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

CHALMERS, David. Verbal Disputes. *Philosophical Review*, v. 120, n. 4, p. 515-566, 2011.

CHALMERS, David. Why Isn't There More Progress in Philosophy? *Philosophy*, v. 90, p. 3-31, 2015.

CHALMERS, David. What Is Conceptual Engineering and What Should It Be? *Inquiry*. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0020174X.2020.1817141>. Acesso em: 29 maio 2023.

CLARK, Andy; CHALMERS, David. The Extended Mind. *Analysis*, v. 58, n. 1, p. 7-19, 1998.

COHEN, Stewart. Theorizing About the Epistemic. *Inquiry*, v. 59, n. 7-8, p. 839-857, 2016.

DELLSÉN, Finnur; LAWLER, Insa; NORTON, James. Thinking About Progress: From Science to Philosophy. *Noûs*. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/nous.12383>. Acesso em: 29 maio 2023.

DEMBROFF, Robin A. What Is Sexual Orientation? *Philosophers' Imprint*, v. 16, n. 3, p. 1-27, 2016.

DEUTSCH, Max. Speaker's Reference, Stipulation, and a Dilemma for Conceptual Engineers. *Philosophical Studies*, v. 177, p. 3935-3957, 2020a.

DEUTSCH, Max. Trivializing Conceptual Engineering. *Inquiry*. 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0020174X.2020.1853343>. Acesso em: 29 maio 2023.

DEUTSCH, Max. Still the Same Dilemma for Conceptual Engineers: Reply to Koch. *Philosophical Studies*, v. 178, n. 11, p. 3659-3670, 2021.

DOTSON, Kristie. How Is This Paper Philosophy? *Comparative Philosophy*, v. 3, n. 1, p. 3-29, 2012.

EKLUND, Matti. *Choosing Normative Concepts*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

FASSIO, Davide; MCKENNA, Robin. Revisionary Epistemology. *Inquiry*, v. 58, n. 7-8, p. 755-779, 2015.

GARDINER, Georgi. Attunement: On the Cognitive Virtues of Attention. In: ALFANO, Mark; KLEIN, Colin; DE RIDDER, Jeroen (Eds.). *Social Virtue Epistemology*. New York: Routledge, [in press].

GRAHAM, Gordon. Philosophy, Knowledge, and Understanding. In: GRIMM, Stephen R. (Ed.). *Making Sense of the World: New Essays on the Philosophy of Understanding*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 99-116.

GRUNDMANN, Thomas. Conceptual Construction in Epistemology: Why the Content of Our Folk Terms Has Only Limited Significance. In: MIZUMOTO, Masaharu; GANERY, Jonardon; GODDARD, Cliff (Eds.). *Ethno-Epistemology: New Directions for Global Epistemology*. New York: Routledge, 2020. p. 227-247.

GUTTING, Gary. *What Philosophers Know: Case Studies in Recent Analytic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

HACKER, P. M. S. Philosophy: A Contribution, Not to Human Knowledge, but to Human Understanding. *Royal Institute of Philosophy Supplements*, v. 65, p. 129-153, 2009.

HANNON, Michael; NGUYEN, James. Manuscript. *Understanding Philosophy*. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/HANUP>. Acesso em: 5 set. 2021.

HASLANGER, Sally. Gender and Race: (What) Are They? (What) Do We Want Them to Be? *Noûs*, v. 34, n. 1, p. 31-55, 2000.

HAZLETT, Allan. The Myth of Factive Verbs. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 80, n. 3, p. 497-522, 2010.

HAZLETT, Allan. What Does 'Epistemic' Mean? *Episteme*, v. 13, n. 4, p. 539-547, 2016.

HERMANN, Julia et al. (Eds.). *Philosophy in the Age of Science? Inquiries into Philosophical Progress, Method, and Societal Relevance*. London: Rowman and Littlefield International, 2020.

ISAAC, Manuel Gustavo. How to Conceptually Engineer Conceptual Engineering? *Inquiry*. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0020174X.2020.1719881>. Acesso em: 29 maio 2023.

JENKINS, Katharine. 'That's not philosophy': Feminism, Academia and the Double Bind. *Journal of Gender Studies*, v. 23, n. 3, p. 262-274, 2014.

KITCHER, Philip. Philosophy Inside Out. *Metaphilosophy*, v. 42, n. 3, p. 248-260, 2011.

KNOLL, Viktoria. Verbal Disputes and Topic Continuity. *Inquiry*. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0020174X.2020.1850340>. Acesso em: 29 maio 2023.

MACHERY, Edouard. *Philosophy Within Its Proper Bounds*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MANNE, Kate. *Down Girl: The Logic of Misogyny*. New York: Oxford University Press, 2018.

MIZUMOTO, Masaharu et al. (Eds.). *Ethno-Epistemology: New Directions for Global Epistemology*. New York: Routledge, 2020.

MIZUMOTO, Masaharu et al. (Eds.). *Epistemology for the Rest of the World*. New York: Oxford University Press, 2018.

NADO, Jennifer. *Re-engineering Knowledge: A Case Study in Pluralist Conceptual Engineering*. *Inquiry*, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0020174X.2021.1903987>. Acesso em: 29 maio 2023.

NEUMANN, Odmar. *Beyond Capacity: A Functional View of Attention*. In: HEUER, Herbert; SANDERS, Andries F. (Eds.). *Perspectives on Perception and Action*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1987. p. 361-394.

PINDER, Mark. *Conceptual Engineering, Metasemantic Externalism and Speaker-Meaning*. *Mind*, v. 130, n. 517, p. 141-163, 2021.

PRIEST, Graham. *What Is Philosophy?* *Philosophy*, v. 81, p. 189-207, 2006.

ROONEY, Phyllis. *The Marginalization of Feminist Epistemology and What That Reveals About Epistemology 'Proper'*. In: GRASSWICK, Heidi E. (Ed.). *Feminist Epistemology and Philosophy of Science: Power in Knowledge*. Dordrecht: Springer, 2011. p. 3-24.

ROSS, Lewis D. *How Intellectual Communities Progress*. *Episteme*, v. 18, n. 4, p. 738-756, 2021.

SCHAFFER, Jonathan. *Social Construction as Grounding; or: Fundamentality for Feminists, a Reply to Barnes and Mikkola*. *Philosophical Studies*, v. 174, p. 2449-2465, 2017.

SCHARP, Kevin. *Replacing Truth*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

SCHWITZGEBEL, Eric. *The Pragmatic Metaphysics of Belief*. In: BORGONI, Cristina et al. (Eds.). *Unveiling the Council of the Society for Philosophy of Science in Practice*. London: College Publications, 2015. p. 191-207.

STICH, Stephen P. *The Fragmentation of Reason: Preface to a Pragmatic Theory of Cognitive Evaluation*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

TAYLOR, Charles. *Philosophical Arguments*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

TUCKER, Chris. *The Externalist's Guide to Fishing for Compliments*. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 98, n. 2, p. 324-347, 2019.

WILLIAMS, Michael. *Groundless Belief: An Essay on the Possibility of Epistemology*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2004.